

27-01-2022

Reflexões sobre “Encontro você em Nuremberg”

Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde. Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Fui tocado pela coluna do último dia 05 de janeiro, de Angelo Offen. Nela, ele faz um grande apelo à proteção da saúde das crianças e ao seu direito de viver, quando trata do assunto da não vacinação frente à ameaça de Covid-19, fazendo uma analogia com os nefastos campos de concentração nazista. Medonha a analogia, medonha a lembrança, e não menos medonha, a crise de cuidado com a vida que vem se acentuando ao longo e ao largo do percurso do Homem na Terra. Martin Heidegger (2005) em seu emblemático *Ser e o Tempo* considerou que “... a condição existencial de possibilidade de cuidado com a vida e dedicação deve ser concebida como cura num sentido originário, ou seja, ontológico” (p.265). Entendendo dessa forma, o cuidado com a vida passa a ser essencial para permitir a sua manifestação e permanência no espaço-tempo da existência, e - passado os horrores das guerras, principalmente aqueles dos campos citados por Offen -, todos os pactos de Direitos Humanos (DH) propugnaram a defesa inegociável de sua dignidade. E, porque será que vimos assistindo tanto desleixo em relação ao projeto de felicidades das pessoas, quer sejam crianças, adultos ou idosos, que é o simples fato de viver a vida? Qual será a categoria analítica que teremos que investigar cautelosa e atentamente para deciframos o código do bem viver? Qual será a encruzilhada semiótica que teremos que desbravar para que nossa mentalidade distorcida possa permitir o desabrochar e o andar da vida...? Ou será que a expressão categórica de Hanna Arendt, quando se refere à banalização da vida e consequentemente ao seu extermínio imperará até o fim da humanidade? Prefiro acreditar que não! O mito abaixo nos faz refletir e me encoraja no sentido de buscar outras alternativas possíveis, vejamos:

A fábula-mito do Cuidado*

Certo dia ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse posto o seu nome. Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente a Terra. Quis também ela conferir nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a decisão que pareceu justa: Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo, receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro moldou a criatura, ficará aos seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de *húmus*, que significa “Terra fértil” (Boff, 2004).

Poderíamos fazer várias digressões e interpretações sobre o mito, desde a criação do Homem com as tensões suscitadas em relação à sua identidade e ao seu pertencimento, até aforismos filosóficos infindáveis de diversos matizes. Mas, aqui eu gostaria de discorrer sobre o Cuidado com letra maiúscula, sobre o ato de cuidar da criança, da Terra, do animal, da natureza etc. Falar do Cuidado como um elemento político constitutivo da vida em sociedade, do cuidar público, do cuidar da soberania do país, do cuidar do doente, do cuidar da vida. Extrapolando o cuidado técnico racional para defender um Cuidado humano interrelacional, que é construtor e a esteira das subjetividades humanas. Sem Cuidado não tem vida, não tem Ser, não tem concepção, desenvolvimento, manutenção e nem transcendência da vida.

O edifício ético onde o Cuidado está assentado é o edifício ético da compaixão. A compaixão se opoio à empatia, é um sentir que conclama uma ação e uma intencionalidade com o Outro, ela vai além de se colocar no lugar do Outro, ela é obrigatoriamente dinâmica na relação humana, assim como o Cuidado. O exemplo de compaixão mais próximo e mais realístico que tenho testemunhado nos últimos dois anos, é desenvolvido pelo Enfermeiro Alexandre Ernesto Silva e todas as pessoas que estão envolvidas no Projeto Comunidade Compassiva na Rocinha e no Vidigal, para quem não conhece, são duas comunidades da zona sul do Rio de Janeiro (veja). O cerne do projeto é cuidar de pessoas gravemente doentes e que estão vulnerabilizadas e abandonadas pelos sistemas de saúde e de proteção social do estado. É um grupo enorme de voluntários que protegem e cobrem a dignidade de crianças, adultos e idosos doentes. Está aí, uma alternativa possível em prol da vida... Que grita para quem quiser ouvir que todas as vidas valem a pena e que todas elas devem e merecem ter o cortejo e a veneração no desfile de suas alegorias. Isso sim, ao contrário de banalizar a vida é permitir o seu desabrochar, a sua imanência.

Meu caro Angelo Offen, precisamos surfar multiculturalmente na onda dos DH, defender e fazer uso cirúrgico desse estatuto jurídico de proteção do Ser Humano contra todo e qualquer tipo de aviltamentos, genocídios, diferenças de gênero, raça, sexo que ceifam vidas diariamente por esse mundo afora. Fazer valer os seus acordos multilaterais e supranacionais para que possam diminuir as desumanas desigualdades de renda, trabalho e de classe social, assim como, exterminar o racismo genocida global, o trabalho escravo, o tráfico de pessoas e a fome que assola os países mais pobres do planeta. Só juntos (todos juntos) e imbuídos de vida, num sentido de justiça, e com o Sopro do Espírito de Júpiter, num sentido de vontade, de gana, podemos transformar o cenário tão sombrio que nos avizinha.

Só juntos, você de lá - do antigo e conhecido, em suas estratégias de dominação e exploração, mas ainda, faminto e cruento - o Norte Global - e eu de cá - do historicamente invadido, explorado, porém sempre destemido e pluripotente em suas formas de resistir - o Sul Global - podemos determinadamente salvar o futuro das crianças dos possíveis encontros em Nuremberg!

■ ■ ■

Textos Utilizados:

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. 10ª edição – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

HEIDEGGER, Martin. Ser e o Tempo. 15ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

Nota: *Adaptação de Leonardo Boff (2004) do texto latino que está acessível em *Ser e o Tempo*, de Martin Heidegger (2005, p.263).

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.